

A produção paraense de curtas e a prática de ensino*

Alna Luana Mendes Paranhos*
Moema de Bacelar Alves*

Resumo: Apesar de haver crítica e público de cinema no Estado do Pará, poucos pesquisadores se debruçam sobre o tema da produção atual de curtas e sua aplicação como recurso didático. Durante a década de 1990, culminando nos anos 2000, leis de incentivo e premiações fizeram surgir outras propostas cinematográficas, dando novo impulso ao cinema local. Um olhar atento sobre essas produções, especificamente os curtas, nos possibilita um diálogo entre essas obras e as várias experiências com a cidade e a cultura regionais. Além desse diálogo, podemos também utilizar os curtas enquanto um recurso para se trabalhar as práticas culturais tanto em sala de aula, quanto em atividades não-formais. Dessa forma, mantemos viva a discussão desse fazer artístico, bem como despertamos a criticidade de nossos jovens.

Palavras-chave: Cultura – Cinema – Amazônia

Abstract: Although there is cinema criticism and audience in the state of Para, very few researchers approach the theme of the present short films production and their usage as a teaching resource. During the 1990s, peaking in the 2000s, incentive laws and awards brought up other cinematographic proposals, giving a new impulse to the local cinema. A close look at those productions, specifically at the short films, allows us to establish a dialogue between them and the various experiences within the city and the regional culture. Besides this dialogue, we can also utilize the short films as resources to enhance the working of the cultural practices not only in the classroom, but also in non-formal activities. This way, we keep alive the discussion about this artistic making, as well as awake the criticism of our children and adolescents.

Key-words: Culture – Cinema – Amazon

No início da década de 1970, uma geração de cinéfilos passou a filmar na bitola Super-8, lançada no mercado alguns anos antes. A facilidade de acesso a uma câmera desse tipo levou a uma efervescência do movimento cinematográfico paraense. Na época, havia uma grande motivação pelo cinema, construída principalmente pela atuação dos cineclubes, pelo espaço diário dedicado ao cinema nos jornais locais, pela alta qualidade da programação comercial dos cinemas e ainda pela fragilidade da programação e transmissão de TV.

* Agradecemos a Maira Wanderlei, Rafael Rodrigues e Alexandre Nogueira pelas considerações e a Andrei Miralha e Marcílio Costa pelas conversas e sugestões.

* Secretaria de Estado de Educação (PA). Graduada em Licenciatura Plena e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará.

* Museu de Arte de Belém. Graduada em Licenciatura Plena e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará, especialista em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Fórum Landi/UFGPA.

Esclarecendo, os cineclubes surgiram em Belém em meados da década de 1950 e funcionaram como primeiro laboratório e incentivo para a produção cinematográfica local e acabaram se tornando o ponto de partida para o estabelecimento da crítica cinematográfica no Estado. Vários grupos se formaram com algumas diferenças em suas propostas, mas o pano de fundo era sempre o mesmo: exibir filmes, discutir cinema e estimular o interesse e a produção locais.

A popularização da câmera Super-8, com filme em cartucho e revelação em dispositivo com boa qualidade, trouxe muitos adeptos às experimentações cinematográficas. As produções em Super-8 eram totalmente independentes, bancadas pelos próprios realizadores. Pequenos documentários, ficções ou até um misto de ambos passaram a ser produzidos e quase sempre abordavam a realidade local, a cultura, o folclore e costumes. Alguns chegaram a ser produzidos em 16mm, mas embora tenhamos tido uma produção considerável nesse período, infelizmente muito desse material se perdeu. A falta de incentivo e recurso para a conservação dessa produção acabou deixando com que muito dela se restringisse ao campo da memória daqueles que participaram desse movimento.

As pessoas ligadas à essa produção que acabamos de nos referir não vinham de escolas ou oficinas de cinema. Eram curiosos ou amantes da sétima arte que se aventuraram neste campo. Tanto que, uma das primeiras tentativas de profissionalização se deu com a criação do Centro de Estudos Cinematográficos da Universidade Federal do Pará (UFPA), vinculado ao Serviço de Teatro da universidade. Ali, além de mostras de filmes, o centro chegou a realizar cursos de cinema. Além disso, aulas teóricas sobre linguagem cinematográfica foram inseridas em alguns colégios através da disciplina de artes.

Embalados por esse entusiasmo da década de 70, no início dos anos 80 surgem algumas iniciativas públicas para que houvesse maior produção. Foi formado, então, o CRAVA – Centro de Recursos Audiovisuais da Amazônia – chegando a se firmar parcerias com a Embrafilme para formação de profissionais e agentes multiplicadores. Nessa mesma época, estruturou-se a seção regional da Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas, com o intuito de colaborar para que os produtores locais tivessem condições para realização de seus projetos.

Devido a mudanças de governo, esse movimento foi aos poucos desarticulado. Dizemos isso em todas as instâncias, pois a extinção da Embrafilme, Concine e demais órgãos que atuavam na regularização do cinema nacional, pelo Governo Collor, acabou com o desenvolvimento do curta-metragem. A produção nacional como um todo foi abalada.

O Crava, portanto, só voltou à ativa já na década de 90, depois da desativação da Embrafilme. Houve uma reestruturação que o transformou em Coletivo de Realizadores de Audiovisual da Amazônia, mantendo assim a mesma sigla. Passou a ser uma associação profissional, podendo assim legalizar os equipamentos comprados com verba da Embrafilme e facilitar a captação de verbas para as produções locais. Mais uma vez sem apoio, o grupo não foi adiante.

Em meados da década de 90, o impacto do surgimento de movimentos regionais no cinema brasileiro faz com que os integrantes dos antigos grupos e jovens interessados no fazer cinematográfico ganhem novo impulso e realizem novos encontros para discussão, novos projetos. Desse período temos a criação – Moisés Magalhães e Ronaldo Passarinho Filho – da produtora *Amazon Filmes*, através da qual realizaram o primeiro longa paraense após quase 30 anos das produções de Líbero Luxardo¹. O filme, intitulado “Lendas Amazônicas” foi uma iniciativa que contou com o equipamento do início do Crava, sendo filmado, portanto, em 16mm e depois transformado para bitola de 35mm. O filme foi lançado em 1998, dentro da II Mostra Pan-Amazônia de Cinema.

No ano seguinte, premiações, leis de incentivo e workshops levaram à produção de filmes de ficção e documentários. Se os prazos fossem cumpridos, até meados do ano 2000 sairiam do forno sete curtas, um fato inédito para a produção de cinema na região. No final de 1999 foi realizado o *I Workshop de Realização Cinematográfica Paraense*, com oficinas de direção, direção de arte, roteiro, storyboard, produção executiva e produção de set. aproximadamente 150 candidatos concorreram as 30 vagas oferecidas, levando a equipe a aumentar o número de participantes para 40. O produto das oficinas foi a produção de um curta chamado "Shot da Bota", baseado em dois contos de Edyr Augusto e publicados no livro "Crônicas da Cidade Morena"².

Dentro desse processo, uma das iniciativas mais significativas foi a primeira edição do *Prêmio Estímulo para Produção de Curta-Metragem*, da Fundação Cultural do Município de Belém (Fumbel), que contemplou três roteiros: "Quero Ser Anjo", de Clemente Schwartz, "Chama Verequete", de Rogério Parreira e Luís Arnaldo Campos, e "Dias", de Fernando Segtowick, todos lançados por ocasião do aniversário de Belém em 12 de janeiro de 2000. E,

¹ Líbero Luxardo, filho do cineasta Júlio Luxardo, que tinha um estúdio em Sorocaba (SP), veio morar em Belém no ano de 1963 realizar documentários sobre a Amazônia. Ele foi responsável pelo primeiro longa paraense, "Um Dia Qualquer", que foi recebido com críticas negativas pelos comentaristas de cinema locais, mas hoje é reconhecido por seu valor histórico, posto que mostra uma cidade que não mais existe.

² Edyr Augusto Proença é paraense, nasceu em 1954 e é jornalista, radialista e autor de teatro. Possui vários livros publicados entre crônicas, poemas e romances. O livro “Crônicas da Cidade Morena” foi lançado em 1999 pela Boitempo.

também desse ano temos o *Concurso de Curta-Metragem*, do Ministério da Cultura, que premiou os paraenses Jorane Castro e Marcos Vinícius Daibes de Oliveira, os únicos selecionados em toda a Região Norte. Jorane realizou o curta "Mulheres Choradeiras" e Marcos Vinicius "Açaí com Jabá".

A partir dessa trajetória e a partir de leis de incentivo e editais, a produção paraense de curtas-metragens tem ganhado maior projeção e frequência. Inclusive no campo da animação, de uns anos pra cá, temos tido alguns bons resultados, como é o caso de: “A onda, Festa na pororoca”, de Cássio Tavernard (2005); “A revolta das Mangueiras”, de Roberto Eliasquevici; “Admirimiriti”, de Andrei Miralha (2005); “O menino urubu”, de Fernando Alves (2005); “Cadê o verde que estava aqui”, de Biratan Porto (2006); “Visagem”, de Roger Elarrat (2006).

Seja pela paisagem local ou pela temática, todos esses curtas de animação trazem um forte regionalismo e isso pode ser explicado por vários motivos. O principal deles é a vinculação da produção local aos editais lançados pelo governo, é fato que não existiriam tantos curtas sendo produzidos nesse período sem esses incentivos, e os projetos com maior chance de serem aprovados, mesmo que isso não conste nas cláusulas dos editais, são justamente os que possuem um apelo regional e que sirva de alguma forma para divulgar a cultura amazônica para o mundo.

É o caso, por exemplo, do curta “Muragens”, de Andrei Miralha e Marcílio Costa, que será lançado este ano. O filme conta histórias do fluxo cotidiano do entorno do Cemitério da Soledade³, localizado no centro de Belém. A partir de imagens do muro do cemitério, capturadas por meio de fotografia e vídeo, surgirão interferências no cenário real - situações diversas, pequenas narrativas, nas quais o devaneio e o caráter fictício da animação se impõem. Atrás do cemitério em questão se monta uma feira de quinta a domingo e, por mais que feiras sejam montadas e desmontadas em todas as cidades do país, e a movimentação seja semelhante, se tratando de um tema geral, o curta traz a preocupação de situar o público na cidade, inclusive pelo muro ser de um patrimônio histórico.

Além desta animação existem outros filmes preocupados em universalizar os temas regionais sem perder de vista os elementos locais, como é o caso dos curtas que discutiremos a seguir.

³ O Cemitério da Soledade pertencia a Santa Casa de Misericórdia – passando para a responsabilidade da Prefeitura Municipal já no século XX – e esteve em funcionamento de 1850 a 1880. Hoje é patrimônio da cidade, tombado pelo IPHAN e Ministério Público Federal e se discute sua revitalização.

MATINTA PERERA

O curta se apropria da lenda amazônica, matinta-perera, e a utiliza para narrar uma história tipicamente urbana. Amadeu, traficante pobre da periferia da cidade, sustenta sua família com a venda de drogas. Para manter seu trabalho sem o inconveniente de ser preso suborna os policiais, deixando na porta da sua casa, nas noites de sexta-feira, um copo de café e um pão recheado de dinheiro como forma de acerto. Seu filho Thiago igualmente envolvido nesse mundo de drogas rouba o dinheiro do “acerto” para comprar um revólver e acaba provocando a morte de toda a sua família, assassinada pelo policial **Pereira**. Os elementos da lenda permeiam toda a narrativa, a matinta-perera está representada nas autoridades policiais que ao chegarem à casa de Amadeu se anunciam com um assobio, gesto que o caboclo do meio da floresta também identifica como anúncio da presença da bruxa. Ao constatar a presença dos policiais, o traficante, promete o “acerto” para poder continuar sua atividade e ao mesmo tempo ser protegido por eles. No caso da matinta, a troca é a mesma só que em vez de dinheiro o caboclo promete fumo, cachaça ou café com a promessa de que ela não importunará a sua família e ainda a protegerá⁴.

O diálogo proposto no filme entre a lenda amazônica e o meio urbano possibilita uma aproximação dos habitantes da cidade, principalmente os da periferia, com as temáticas abordadas, violência, corrupção policial, miséria. Além disso, redimensiona a antiga lenda da matinta-perera inserindo-a em um meio que não é o seu de origem, dessa maneira a lenda também dialoga com outros espaços urbanos, posto que, Amadeus e Pereiras existem em qualquer periferia das grandes cidades.

Ao relacionar esses aspectos, o curta atende a algumas demandas existentes quando se pensa em filmes produzidos na Amazônia ou em qualquer outro espaço fora dos eixos de produção, a primeira seria identificar o que há de regional e como esse regional se insere em um universo maior de exibição, já que ao se produzir um filme espera-se que ele alcance o maior número de telespectadores possíveis. Em segundo lugar, foge do regionalismo puro e simples feito para impressionar o olhar estrangeiro que é uma preocupação crescente entre os cineastas atuais de Belém.

⁴ A matinta-perera é uma bruxa que habita as florestas e assusta os caboclos. Para não importunar o caboclo e sua família pede em troca fumo, cachaça ou café se não for atendida volta na noite seguinte para assombrar a casa.

A ONDA – FESTA NA POROROCA



Imagem 1: Candirus em "A onda, festa na Pororoca"

No ano de 2005, surge uma safra de curtas-metragens de animação em Belém, como já foi citado mais acima, dentre eles destacamos “A onda – festa na pororoca”. Filme que narra a preparação da festa da pororoca pelos animais que habitam o fundo do rio, o senhor caranguejo, seu empregado camarão, os candirus, além de outros. Nesse curta já percebemos uma preocupação maior com o didatismo da história ou pelo menos uma preocupação em apresentar alguns elementos da fauna que são próprios da região, fazendo uma ligação com as crenças populares que existem pelo interior do estado. O filme não perde de vista o diálogo com quem é de fora inserindo na narrativa dois personagens “sulistas” que vêm para região atraídos pela possibilidade de surfar a maior onda do mundo. E é através desses personagens que o público conhece a lenda da mãe d’água, do candiru, do curupira, entre outras.

A pororoca é um fenômeno natural conhecido no mundo todo, mas o que é desconhecido para quem é de fora é que existe uma lenda que explique a sua existência e que ela é levada a sério pelos caboclos da região, já que a floresta para esses homens e mulheres está viva e possui seu sentido próprio. São esses sentidos e as várias experiências relacionadas com esse fenômeno que a animação tenta trabalhar e apresentar tanto para quem é da região como para quem é de fora.

AÇÁI COM JABÁ



Imagem 2: Imagem do filme “Açaí com Jabá”

“Um filme que bate na fraqueza” é assim que se anuncia o curta-metragem “Açaí com Jabá”, nada mais tipicamente paraense do que essa expressão. E essa vai ser a tônica do filme, carregar no regional e nas características mais marcantes do paraense, não para explorar o exótico, o pitoresco e sim como forma de afirmação dessa cultura.

Além disso, o curta possui um lado cômico que aproxima diferentes públicos. Montado como se fosse um faroeste urbano, o filme reúne vários elementos da região, o clima, a culinária, o vocabulário, a rivalidade no futebol, além de ter como cenário um boteco típico do centro da cidade.

Na sala de aula esse curta fomenta discussões a cerca da nossa própria cultura, como nos enxergamos e como enxergamos o outro, de que maneira os nossos costumes colocados em uma tela grande podem servir como uma ferramenta de construção de identidade entre os jovens, não tratando o assunto de forma bairrista, mas sim inserindo na discussão um senso crítico sobre as diferenças regionais.

ADMIRIMIRITI

A animação conta a história de um boneco de miriti⁵ que numa feira durante o Círio de Nazaré, ganha vida junto com outros brinquedos. O boneco é abandonado por sua namorada e sai em busca de um novo sentido para sua existência até conseguir o perdão de sua amada.

⁵ Miriti é uma palmeira muito comum na região amazônica, cuja da polpa se fazem brinquedos. Na época do Círio são muito vendidos, tendo até feiras só para exposição e venda das peças.

Ao ver o curta a identificação das crianças da região é imediata, ou melhor, a identificação dos paraenses é imediata. Os brinquedos de miriti fazem parte da das tradições locais, fazem parte da tradição do Círio. Por serem muito leves, confeccionados manualmente e principalmente feitos de matéria prima diretamente, os brinquedos não duram muito tempo. São facilmente desmontáveis e não podem ser molhados. Custam pouco, fazendo a alegria de todas as crianças, independente da camada social. O curta traz essas características do brinquedo, bem como o contexto da festividade do Círio, que são 15 dias de muitas atividades, festas, encontros e fé.

CHAMA-VEREQUETE

Augusto Gomes Rodrigues, o Mestre Verequete, é um ícone da cultura paraense. Trabalhando com música desde muito jovem, faz uma leitura muito particular do carimbó, uma dança, um gênero musical de origem negra que compõe o folclore amazônico.

No curta de Luiz Arnaldo Campos e Rogério Parreira temos a história deste personagem tão típico e ao mesmo tempo particular de nossa cultura. Mas temos também lances de momentos históricos diversos onde se proibiam as manifestações populares como o carimbó e os cultos afros, por exemplo.

Podendo ser usado como prática pedagógica tanto para tratar do folclore local, através da dança e música, trazendo outros ritmos como o Siriá ou o Lundu para dialogar com o Carimbó, quanto para falar da trajetória dessas manifestações culturais, que, desde os tempos coloniais vêm se adaptando e se tornando uma forte identidade regional. A questão do negro, da própria escravidão pode ser abordada através de sua expressão cultural, de uma das heranças que nos foram deixadas por eles, inclusive o Mestre Verequete abre o curta cantando uma música cujo verso diz: “a ilha do Marajó tem grande povoação/ aonde nasceu o carimbó/ no tempo da escravidão”.



Imagem 1: Mestre Verequete em cena do curta "Chama Verequete"

A REVOLTA DAS MANGUEIRAS

Nessa animação de apenas 6', temos a história de um homem que, pretendendo construir uma garagem para seu conversível, atenta contra um dos maiores símbolos da capital paraense – as mangueiras – e recebe uma lição que vai mudar a sua vida.

As mangueiras da capital paraense são tombadas pelo poder municipal há mais de vinte anos, constituem nosso patrimônio, nossa paisagem e nossa identidade. O filme trata de forma cômica um assunto sempre em pauta na região, como tratar as mangueiras da cidade? Não apenas por respeito à natureza, mas também pelo fato de que a cidade cresceu muito e as mangueiras trazem alguns problemas como a conservação das calçadas e asfaltos, posto que suas raízes são fortes e as quebram, ou as mangas que caem e quebram vidros e amassam os capôs⁶.

O curta traz um pouco a questão do “aqui se faz, aqui se paga”. Trate mal a natureza e arcaremos com as conseqüências. Em cima disso podemos tratar a questão ambiental em sala de aula ou em ambientes de educação não formal. A cena conhecida, a própria animação chamam a atenção das crianças e jovens que se divertem ao ver o filme, mas captam rapidamente sua mensagem. Podemos também abordar a questão do patrimônio, buscar a história da cidade e a urbanização de fins do século XIX, época em que se padronizou as mangueiras para a arborização das principais ruas do centro.

Aliar os filmes à prática de ensino suaviza o rigor de uma aula e faz com que os alunos aprendam com maior entusiasmo. Para aqueles que trabalham com crianças em situação de vulnerabilidade social, que na maioria das vezes nunca foram a um cinema, a exibição de filmes torna-se um pouco mágica e surte efeitos de aprendizagem significativos. Ao trabalhar esses curtas em particular, além de notar encantamento delas com o cinema, podemos notar também que trabalhar a partir do lugar delas nos filmes traz resultados mais rápidos de entendimento. É a realidade delas ali. A cultura, o vocabulário, a paisagem. Elas se reconhecem em meio a esse regionalismo e situações cotidianas. Até para introduzir (no caso das crianças de baixa renda sem acesso a salas de projeção) essas crianças no mundo do cinema, vimos que é bom começar por onde elas conhecem e ir mesclando com o totalmente diferente.

⁶ Tanto que as seguradoras de automóveis incluem um seguro específico para esses acidentes.

A exibição de filmes para crianças e adolescentes abre uma infinidade de possibilidades para se trabalhar cidadania, identidade, os mais variados tipos de preconceitos, entre outras coisas. Mais do que isso, insere esses alunos em um mundo distante para muitos deles, pois a maioria está acostumada com a programação televisiva e não tem acesso a outros tipos de produções áudio-visuais. Além do que, trabalhar os curtas regionais permite que esses jovens se reconheçam e problematizem a sua realidade, as suas vivências, criando uma consciência crítica sobre a produção cultural do país, questionando a hegemonia dos grandes centros no mercado de distribuição e exibição de filmes.

Bibliografia

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; VERIANO, Pedro; AFFONSO, J. A. (Orgs.). **A crítica de cinema em Belém**. Belém: Falangola, 1986.

AUTRAN, Arthur. **Brevíssimo panorama do Cinema Brasileiro nos anos 90**. Disponível em: <http://mnemocine.com.br/cinema/histindex.htm>. Acesso: 05 de maio de 2009.

CATELLI, Rosana Elisa. **Dos "Naturais" ao documentário: o cinema educativo e a educação do cinema, entre os anos de 1920 e 1930**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2007.

Dicionário Jurandyr Noronha de cinema brasileiro: 1896 a 1936: do nascimento ao sonoro. Rio de Janeiro: EMC, 2008.

OLIVEIRA, Relivaldo Pinho de (Org.). **Cinema na Amazônia: textos sobre exibição, produção e filmes**. Belém: CNPq, 2004.

SALLES, Filipe. **A produção de curtas-metragens e o papel das escolas de cinema entre 1994-2000**. Disponível em: <http://mnemocine.com.br/cinema/histindex.htm>. Acesso: 05 de maio de 2009.

VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupí**. Belém: SECULT, 1999.

Entrevista

Entrevista com Andrei Miralha e Marcílio Costa. Belém, 17 de maio de 2009.